

Ícone da MPB, João Bosco repassa por seus clássicos em show de encerramento da Feira do Livro, domingo

# Música, literatura e TRADIÇÃO

CARLINHOS SANTOS

**J**oão Bosco é um livro da MPB. Tem páginas antológicas, textos de pura poesia. Mesmo cantando só fonemas às vezes, aposta que há uma palavra por trás deles. São 40 de seus 66 anos escrevendo esta obra aplaudida no Brasil e no mundo. Neste ano, essa trajetória foi festejada no Prêmio da Música Brasileira. Além disso, o público ganhou de presente o DVD *João Bosco 40 Anos Depois*, onde revê capa, prefácio e os tantos capítulos desse livro musical. O trabalho é referência para o show que fará após a solenidade de encerramento da Feira do Livro, domingo. Mas uma apresentação dessas dialoga com o ambiente, interage com o público. Com certeza, deverão ecoar na Praça Dante Alighieri Corsário, *Papel Machê, Jade, Nação (De Frente Pro Crime), Incompatibilidade de Gênios e Sinhá*, dele e Chico Buarque, gravada no disco de Chico do ano passado.

– Ela não está no DVD, mas temos cantado nos shows. Nesse de Caxias a gente

“**É tradição na música brasileira as músicas virem com uma poética literária de grande expressão**”

vai se deixar conduzir pelo que está acontecendo ali, naquele momento, pela receptividade do público, pelo que rola no palco, pelas razões de estarmos ali – diz em entrevista concedida por telefone, avidando que vem para a Feira acompanhado de seu violão, mais Ricardo Silveira (guitarra), João Batista (baixo) e Kiko Freitas (bateria). E, claro, sua escrita musical primorosa.

Sete

Dias:

Como se monta um repertório para um show como esse em Caxias?

**João Bosco:** O show reúne músicos que já trabalham comigo há muito, temos manha e uma lista de canções que a gente toca. Ela é extensa e generosa. Dá para tocar esta ou aquela canção. Estaremos numa Feira do Livro, que é um lugar muito especial, um momento onde a palavra tem muita importância. Então, a gente se deixa soltar em função do momento e o repertório vai se desenhando espontaneamente, naturalmente. Essa é a ideia.

Sete Dias: Além da engenhosidade musical, sua obra se reforça na palavra, com nuances literárias, não?

**Bosco:** Na verdade, essa é uma tradição na música brasileira, das canções brasileiras virem com uma poética literária de grande expressão. Temos o trabalho do Noel Rosa, o Dorival Caymmi, o Ary Barroso, o Lupicínio Rodrigues. E tem a moderna música brasileira, Jobim, Vinícius de Moraes. Neles, as canções se caracterizam por uma poética

literária especial. E tem ainda Chico Buarque, Caetano, Gilberto Gil, o Milton Nascimento e os mineiros Fernando Brant, Ronaldo Bastos. Essa também é uma característica importante na minha música. E, quando a música não tem palavras, mas só fonemas, é um exercício quase arqueológico de descobrir a palavra que existe por baixo do fonema, do som. Com parceiros que se aproximam disso, tem-se aí uma música brasileira que une a palavra a esse trânsito de sonoridades enriquecedor. Ou seja, pra mim a palavra foi sempre um elemento detonador de ideias musicais. Às vezes olhando para uma palavra você se inspira musicalmente nela. Acredito que dentro de um texto sempre existe um som a descobrir. Os poetas também ouvem uma música e sacam que por trás dela tem uma palavra. Esse ir e vir é que cria nossa música popular tão rica em som e palavras.

Sete Dias: Essa riqueza tem se reproduzido nas novas gerações, na nova cena da música brasileira?

**Bosco:** A música hoje é muito diversificada. Se antes nós tínhamos movimentos musicais, hoje é o contrário. Cada um dá a entender que tem o seu próprio movimento. As pessoas estão muito independentes por causa da internet, que as tornou mais autossuficientes sozinhas, diferentes de se unir a um todo. Solitariamente, fazem suas pesquisas, descobrem sons, que muitas vezes nem são sons locais. As pessoas também dispõem de equipamentos e ferramentas que possibilitam experiências musicais dentro de casa, sem ter a necessidade de conviver ou frequentar aquela fila de gravadora que existia antigamente. Essa é a independência do pensar, produzir e fazer música hoje. Generalizando, essa é a impressão que tenho. Embora ache que depois isso tudo vai para um lugar: televisão, rádio ou consumidor. E aí, quando essa música se expõe nessas vitrines de consumo, há uma tendência de você pertencer a um grupo que pense musicalmente de alguma maneira, seja o hip hop, reggae, samba, pagode, rock'n'roll, balada. Você vai ter que pertencer a um nicho cultural, musical, para se integrar a um grupo que se reúne em torno de um pensamento musical. As pessoas trabalham muito sozinhas, mas terão que pertencer a um grupo que tenha esteticamente uma linguagem. O processo é muito solitário, individual, até se chegar a esse naipe.

Sete Dias: Essa onda de individualismo não enfraquece o surgimento de novos movimentos musicais?

**Bosco:** Pertencem a um tipo de geração cujo pensamento tem uma certa relação com aquilo que se herdou de grandes compositores brasileiros que nos deram um tipo de pensamento musical, uma estética. Dentro do que vai acontecendo no mundo da gente, na contemporaneidade, vamos acrescentando essas novidades. Mas é um trabalho que mantém relação com uma história, com um passado. Muitas vezes, o que acontece hoje é uma ruptura com o passado. As pessoas têm um trabalho, mas ele não tem conexão com o que foi feito no Brasil. Essa é a parte mais difícil desse individualismo. Ele pode traduzir algo que não tem referência de nação, do país em que você vive. Mas acredito que a função de analisar isso seja do crítico musical. Como músico, vejo no meu trabalho referências de Caymmi, Geraldo Pereira, Ary Barroso, Baden Powell, Jobim. Vez que outra consigo ver no meu trabalho referências da música brasileira, dessa

tradição, desse passado. É o que gostaria de ver nas novas gerações. Mesmo que trabalhando com referências internacionais, como é o caso do hip hop, ou de outros gêneros, que tivessem sinais, pegadas de sua história musical. É isso que é interessante. Cito, por exemplo, esse jovem que é da periferia de São Paulo, o Criolo. Ele tem uma linguagem desse universo que falamos. Dentro do universo dele, dá para ver o Brasil ali, embora a linguagem seja contemporânea. O bacana é isso. Fiquei feliz ao ver no show dele. Em cada canção, cada estilo, percebia a nação brasileira.

Sete Dias: Essa é a voz de uma trajetória de 40 anos?

**Bosco:** Gravei um DVD chamado *João Bosco 40 Anos* tentando mostrar um jovem de Minas Gerais olhando para a música brasileira daquele momento, mas trazendo o olhar para hoje. As cenas, a história é daquela época, mas o filme resulta diferente. Você ouve aquelas canções com leituras e arranjos que a diferenciam daquele momento, traz o que estava lá para agora. Essas reflexões, vez que outra, a gente faz de qualquer maneira. Ou comemorando 40 anos ou não. A data é um pretexto para uma reflexão. Chega um momento que não é só fazer, mas é desviar do que se fez. Quando se faz esse desvio, acaba refletindo sobre aquilo que estava lá trás, em busca do que possa ser acrescido. É uma reflexão que se deve fazer uma vez que outra: olhar a sua história, repertório, e ver como se desenvolveu um pensamento. Nesse caso, nesse ano, procurei fazer isso com um monte de gente no DVD. Fui me lembrar do Noel (*Rosa*), do Nelson Cavaquinho, de um grande amigo, meu contemporâneo, Paulinho da Viola, do Milton Nascimento, que conheci na metade dos anos 1960, do Tom Jobim. Eu também chamei amigos, meus contemporâneos, como o Toninho Horta, Chico Buarque, João Donato. Aí você faz uma reflexão daquele momento com pessoas que admira, que estão presentes no seu trabalho também.

Sete Dias: Você teve uma amizade artística e pessoal com Elis Regina, o baterista Kiko Freitas, gaúcho, toca há 13 anos contigo. Acompanha a cena musical gaúcha?

**Bosco:** Tenho muitos amigos aí, que sempre estão me mostrando e dando notícias do que se faz no Sul. Conheço o Nelson Coelho de Castro há muitos anos e outros compositores que ainda moram aí. O Yamandu veio daí. Tenho notícias

dessa gente toda, recebo discos, as novidades, que nos ajudam a acompanhar essa produção. Aliás, no Prêmio da Música Brasileira, que joga foco nas diversas regiões do Brasil, você descobre coisas novas, como as do Sul, que dão frescor à música brasileira.

Sete Dias: Pensando em Elis Regina, como analisa a nova safra de cantoras brasileiras?

**Bosco:** Essa comparação nunca é bem-sucedida, pois Elis é uma coisa muito especial dentro da história da música brasileira. Essa comparação seria até uma injustiça para as cantoras que estão surgindo. Elis é um caso muito particular. As novas cantoras que têm surgido no Brasil não só estão interpretando como gostam de fazer as suas canções. Isso as torna um pouco diferente do padrão da intérprete de antigamente. Hoje, geralmente se gosta de cantar aquilo que se compôs, o que chama de música autoral. Acho bacana quando surgem cantoras especiais. A Céu é uma pessoa que gosto muito. Tem uma voz especial, conhece profundamente a música brasilei-



## HISTÓRIAS em 5cm x 6cm

CAROLINA KLÖSS

– Não são nos menores frascos que estão os melhores perfumes?

É com essa pergunta que Elena Cuyarache, vendedora da banca da editora peruana Os Menores Livros do Mundo, uma das 46 instaladas na Praça Dante Alighieri, começa a conversa sobre as publicações que comercializa. No balcão, clássicos da literatura, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *Iracema*, de José de Alencar, mas também receitas gastronômicas e previsões esotéricas e astrológicas. O conteúdo dos livros não traz nada de diferente dos originais, segundo Elena. O inusitado é o tamanho das publicações: 5cm x 6cm.

– Eles são pequenas obras de arte. Muitos pensam que são só para enfeite, mas não. Os livrinhos são planejados para serem lidos facilmente, sem nem o auxílio de pinças, como muitos acham. Também temos aqueles de 1cm x 8cm, mas não há muitos títulos disponíveis – afirma.

Com mais de 40 anos no mercado, a editora Os Menores Livros do Mundo já lançou mais de 300 títulos e, atualmente, está presente em mais de 27 países. Ela comercializa obras em espanhol, inglês, italiano e português. Somente no idioma brasileiro, são mais de 70 títulos:

– Os conteúdos mais escolhidos

MAIS

Menor do mundo

Os livros da editora peruana à venda na Feira do Livro levam o nome, mas não são os menores do mundo: o menor, registrado no Guinness, é *Teeny Ted from Turnip Town*, que mede 70 micrômetros por 100 micrômetros, menos de um milímetro. Ele foi criado por cientistas do Canadá.

são os clássicos. A editora não se preocupa em ter lançamentos todos os anos, mas, em média, surgem 10 novos anualmente.

Além de romances, gastronômicos e esotéricos, também é possível encontrar minilivros sobre autoajuda, filosofia, negócios e espiritismo. O mais vendido, segundo Elena, é *O Pequeno Príncipe*, do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry.

– O conteúdo das obras é integral, não há corte, e a tradução é a mais fiel possível. Os livros, feitos à mão, têm, em média, mais de 500 páginas. E, além da escrita, muitos são ilustrados – destaca.

A aposentada Maria de Fátima Oss não conhecia a editora Os Menores Livros do Mundo e, passeando pela Feira do Livro, ficou encantada com as mini publicações. Adquiriu três livros, um para cada filho, sobre os signos do zodiaco.

– É bom para deixar no trabalho, até dentro da bolsa. Fico um pouco receosa com os clássicos, as histórias grandes. As letras são legíveis, mas são menores do que as tradicionais e tenho medo de que canse os olhos – disse a caxiense.

Na Feira do Livro de Caxias, os minilivros custam R\$ 23, com exceção do *Evangelho e Assim Falava Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, que custam R\$ 25.

## Festa NOITE adentro

A exemplo do ano passado, quando o Madrugadão Literário levou um clima burlesco à Feira do Livro, a atividade reacende a proposta nesta edição: amanhã, sátira e literatura, informalidade e música, desordenação e outros quetais movimentam a Level Cult, no Largo da Estação Férrea.

Para os primeiros que chegarem, máscaras de diversas personalidades serão distribuídas. Depois, o redemoinho festivo se divide em música, leitura, brincadeiras e até escambo de livros. Essa função caberá à Biblioteca Municipal e seu Livro Livre, conhecido projeto de troca-troca de exemplares. Para dar mais dinamismo à festa, as leituras, salienta o idealizador do encontro, Marco de Menezes, serão mais sucintas.

– Estamos focados num espírito de cabaré, então, vamos prezar intervenções mais pontuais. Serão três, quatro músicas, aí intercalamos com leitura e voltamos pra música ou outra atração. Também vão rolar

## PROGRAME-SE

- ▼ **O que:** Madrugadão Literário
- ▼ **Quando:** amanhã, às 23h
- ▼ **Onde:** Level Cult (Coronel Flores, 789 - Caxias. ☎ 3223.0004)
- ▼ **Quanto:** R\$ 15 ou R\$ 10 para quem levar um livro

### Atrações

- |                                |                                   |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| <b>Música</b>                  | ▼ Marco de Menezes                |
| ▼ Carlos Zanetti               | ▼ Vivi Pasqual                    |
| ▼ Ana Jardim e Pietro Ferretti |                                   |
| ▼ Sara Sánchez e Vini Rocha    | <b>Outros</b>                     |
| ▼ Ladies and Tramps            | ▼ Carine Panigaz (MC)             |
| ▼ Lady Jam                     | ▼ Fábio Cuelli (MC)               |
| ▼ DJ Mono                      | ▼ Daniela Nespolo (brinks)        |
| <b>Literatura</b>              | ▼ Samuel Pereira (brinks)         |
| ▼ Maquian Silveira             | ▼ Troian (brinks)                 |
| ▼ Ramon Tisot                  | ▼ Livro Livre (escambo de livros) |
| ▼ Natalia Borges               |                                   |
| ▼ Petry                        |                                   |



O Brasil começou, mais recentemente, a fazer um esforço grande no sentido de levar o livro aos seus leitores. Iremos assistir a um grande crescimento no número de leitores e à afirmação de novas gerações de escritores.



**José Eduardo Agualusa, escritor angolano, destaque de amanhã na programação da Feira**

Uma coisa é pensar, outra coisa é ser um pensador. Penso, logo existo; mas não basta pensar e existir para ser um pensador.



**Antonio Cicero, poeta e filósofo, que participa de bate-papo hoje, na Feira**

